

Viciado Carioca

Amor e Rock and Roll



Claudio Formiga

Viciado Carioca

Amor e Rock and Roll



Viciado Carioca

Copyright © 2010 da Parêntese Editora, mediante acordo firmado com o autor.

Créditos da edição

Editor Chefe: Anderson da Silva Vieira (anderson@parentese.com.br)

Editoração: Equipe Editorial Revisão: Paulo C. Almeida

Processo Gráfico: *In Revisão* e Produção Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237v Santos, Claudio Roberto dos.
Viciado carioca : amor e rock and roll / Claudio Roberto dos Santos Simões.
– São José dos Campos, SP : Parêntese, 2010.
128 p. : il. ; 24 cm.

ISBN 978-85-60507-07-8

1. Literatura brasileira - Ficção. 2. Humor na literatura. 3. Rock - Rio de Janeiro (RJ). 4. Drogas - Abuso.
5. Sexo. I. Título.

CDU 869.0(81)-31

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira - romance 869.0(81)-31

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônico, mecânico, fotográfico, gravação ou quaisquer outros. Todo o esforço foi feito para fornecer a mais completa e adequada informação, contudo a(s) editora(s) e o(s) autor(es) não assume(m) responsabilidade pelos resultados e usos da informação fornecida. Este livro **não** contém CD-ROM, disquete ou qualquer outra mídia nem oferece qualquer tipo de suporte técnico.

Erratas e atualizações: Sempre nos esforçamos para entregar a você leitor um livro livre de erros, gramaticais, técnicos ou de conteúdo, porém nem sempre isto é conseguido, seja por motivo de alteração de software, interpretação ou mesmo quando alguns deslizos constam na versão original de alguns livros que traduzimos ou editamos. Sendo assim, criamos em nosso site a seção Erratas, onde, se algum erro for encontrado em nossos livros, este será relatado com a devida correção.

Avisos e Renúncia de Direitos: Este livro é vendido como está, sem garantia de qualquer tipo, seja expressa ou implícita.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou comercial são de responsabilidade total de seus proprietários. A Editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro. No decorrer da obra, imagens, nomes de produtos e fabricantes podem ter sido utilizados e desde já a Editora informa que o uso é apenas informativo, ilustrativo e/ou educativo, não visando lucro, favorecimento ou desmerecimento do produto/fabricante.

Obra de Ficção e Classificação Etária: Este livro é uma obra de ficção descrita pelo autor, não podendo ser encarado pelo leitor ou por terceiros como fiel retrato da realidade. Nomes, lugares, cenários, situação e etc... citados no decorrer do texto são ilustrativos e não condizem com a realidade. Pode ocorrer no decorrer do texto o aparecimento de termos pejorativos, obscenos ou questionáveis por parte da sociedade e por tal motivo informamos desde já que a leitura do livro é indicada a **maiores de 18 anos**.



Parêntese Editora & Parceira do Autor

www.parentese.com.br / parentese@parentese.com.br

Dedicado à Mariana com amor.



Onde é que Está?

1 – Cidade nua.....	9
2 – Origens	17
3 – Uma flechada no coração.....	25
4 – O plano perfeito.....	33
5 – Tudo em família	41
6 – Os gordos também amam.....	49
7 – Pelas ruas do Rio	53
8 – Problemas radioativos.....	61
9 – O amor é uma gota	67
10 – O Oscar vai para... ..	73
11 - Rumores de guerra	83
12 – Sangue de ferro.....	89
13 – Até onde o destino permitir.....	97
14 – A última música de um condenado	103
15 – A doce vingança do vilão	113





1 – Cidade nua

Às vezes me pergunto o que aconteceria se nunca tivesse dado aquele inocente tapinha. Certamente meu apelido não seria Viciado Carioca. Vic, para os íntimos. Talvez hoje não estivesse arrependido de tantas coisas. Talvez nunca tivesse conhecido a minha grande paixão. Talvez não tivesse mudado o rumo da vida das pessoas a minha volta. Eu não acredito em destino, mas talvez ele exista. Quantos “talvez” existem na vida de um homem? Estamos cercados por incertezas. De qualquer forma, a única certeza que tenho é que odeio atravessadores e isso explica o que eu estava fazendo naquele dia, dentro da favela e mudando a sorte daquele japinha.

Devia ser seis horas da tarde de alguma sexta-feira de 1993. Enquanto meu pai estava preso em algum engarrafamento da cidade, eu subia o morro dos Macacos, em Vila Isabel, atrás de diversão. Eu estava “safo” em fazer essas missões. Não queria depender dos “vapores”, “aviões” e todos os tipos de “leva e traz”. Como disse, odeio atravessadores.

Até alguns meses antes, essa sensação era totalmente nova para mim. Eu era apenas um careta. Mas a série de eventos, desencadeada após um carnaval em Minas Gerais, tornou-me o que sou. Se minha mãe me visse nesse momento não me reconheceria como seu filho.

Depois de um tempo frequentando a boca de fumo, você vai ficando conhecido do gerente, dos olheiros, dos soldados e até dos moradores. Ora bolas, você é quase um cliente preferencial. Nunca fui muito de ficar de papo, mas sempre fui educado e eles pareciam respeitar isso. Depois de uns dois meses visitando a favela, eles tinham parado de me chamar de “Play” pra me chamar de “Magrela”. E nessa tal sexta-feira, eu estava subindo o morro, seco por um bagulho, quando, no meio da ladeira, um soldado me avisa:

– Aí, Magrela, vaza que o morro tá lombrado.

Eu dei de ombros e não sabia o que dizer. Minha lojinha predileta estava fechada. Provavelmente a polícia estava dentro da favela e um tiroteio poderia começar a qualquer momento. Olhei para o soldado e soltei um simples:

- Obrigado.

- Vaza! – Ele me respondeu.

- Cuide-se. – eu complementei.

Fui descendo. Fiquei um pouco desnorteadado com a situação. Não pela invasão. Eu estava a poucos metros de mais uma batalha da nossa pequena guerra civil e nem passava pela minha cabeça a dimensão do perigo. Desci de volta, triste porque não iria conseguir o bagulho. Era como encontrar o shopping fechado na véspera de Natal. Um pouco pior, pois no Natal você ainda teria a esperança de que Papai Noel te traga uma baga.

Continuei ladeira abaixo. Eu estava quase no asfalto, quando vejo essa figura subindo. Branquelo, cabeludo, japonês, um cordão de prata com uma caveira, uma camisa do *Manowar* e uma cara enfezada. Apesar de achar o *Manowar* um pouco *poser*, resolvi ajudar o seguidor do *Eric Adams*:

- Cara, não sobe que a boca está fechada.

Ele olhou para mim e continuou seguindo a sua rota morro acima. Fiquei aborrecido com aquela reação. Você quer ajudar as pessoas e elas ficam de olhos fechados aos seus conselhos. Japonês desgraçado. Eu não ia me dar por vencido:

- A polícia invadiu.

Ele parou e me estudou por um tempo. Disse por fim:

- Quem disse que eu vou na boca? Eu sou morador, seu maluco.

Ele mentia muito mal. Não entendia porque o Japa tentava levar aquela farsa adiante. Não precisava ser um *Sherlock Holmes* para perceber que ele era um consumidor. Eu dei uma olhada de cima a baixo e disse:

- Cara, notando o seu cabelo de revoltado muito bem cuidado, a sua cara de japa, seu tênis da moda, seu cordão de caveira e sua camisa do *Manowar*, poderia jurar que você não é morador e sim, consumidor. Mas se você quer subir assim mesmo, pode seguir. A vida é sua. – Ele ficou me encarando em dúvida e eu continuei: - Não suba. Você pode acabar tomando um tiro.

Ficamos nos olhando em silêncio por poucos segundos, quando o momento mágico foi quebrado por duas viaturas da polícia invadindo a favela em alta velocidade. O rapaz arregalou os olhos como se fosse um desenho animado japonês e correu ao meu encontro. Ele agarrou a minha camisa e falava de forma atropelada:

- Você salvou a minha vida, cara! Você salvou a minha vida! – Seu coração batia acelerado e descontrolado como os pedais duplos do *Scott Columbus*.

Estranhei a reação e desconfiei, no ato, da masculinidade nipônica. Com o passar do tempo, deu para notar que aquilo era apenas gratidão. Um agradecimento um tanto *gay*, mas era apenas isso.

Andávamos pela rua, conversando. Ele gesticulava sem parar e atropelava as palavras:

- Bicho, se você não aparecesse, a essa altura estaria lá em cima e Deus sabe lá o que poderia acontecer. Devo a minha vida a você.

- Acho que não é para tanto. - Tentei cortar aquela pieguice.

- Não precisa ser modesto. Você realmente me salvou!

- Agora preciso alguém que me salve. Esta é a única boca que eu conheço e está escurecendo. Invadir morro que a gente não conhece à noite é sinistro.

Ele olhou para mim, me avaliando outra vez. Pensou umas duas vezes e colocou a mão no meu ombro dizendo:

- Se você tiver disposição para despencar para Botafogo, tenho um camarada lá que pode arrumar um bagulho pra nós.

Não era muito esperto viajar até Botafogo com um desconhecido só para arrumar um bagulho. Mas, às vezes, nós somos tomados por esse ímpeto de tentar algo diferente e o Japa realmente insistiu de uma maneira bem criativa:

- Eu realmente insisto. – Bem, eu não conseguiria dizer não.

- A propósito, eu sou Vic. – disse fazendo as honras.

- Vic? Isso é nome ou apelido?

- Apelido. Vem de “Viciado Carioca”. – Ele me olhou desconfiado e eu completei: – É uma longa história.

- Bem, se é assim, pode me chamar de Kid. – Eu olhei para ele e ele completou – De “*National Kid*”. É uma história bem óbvia e curta – rimos e tomamos o ônibus para Botafogo.

Comecei a achar que nem era uma ideia tão ruim ir para a Zona Sul. De lá, seria muito mais fácil ir a um bar *rock and roll*. Poderia tentar o Empório ou a Basement. Só estava um pouco preocupado com o tal “camarada” que iria arrumar o bagulho e, por isso, resolvi perguntar qual era o esquema, de maneira educada e sem estragar as relações nipo-brasileiras:

- Kid, sem ofensa, qual é a do seu amigo? Ele é um conhecido ou um vaporzinho barra-pesada que pode atochar a nossa cara de porrada caso façamos algo estranho? – Tentei fazer uma cara de assustado e reprovação, caso fosse a segunda opção.

Eu realmente odiava aviões.

- Não esquenta, Vic. Você vai gostar do cara. É um amigo meu do colégio. Gente fina. – Ele dizia confiante.

- Gente fina? - Eu quis confirmar.

- Bem, nem tanto. Ele deve pesar uns 110 quilos.

- Nem ligo, portanto que a erva dele seja “da pesada”. – Kid riu.

Não sei por que os japoneses têm uma tendência a rir de tudo. Até de um trocadilho

tão babaca como esse. Olha que ainda nem estávamos chapados. Continuamos o percurso falando de música, até que chegamos ao maldito bairro de Botafogo.

- Vamos, é logo ali. – Ele apontou.

Fui seguindo-o pelas veias do bairro. Eu podia sentir a cidade pulsando naquele começo de noite. Os bares começando a encher, a cerveja a descer e as mulheres a desfilar as suas belas pernas. Amo essa cidade. Planejei não perder muito tempo com o Kid e o tal de seu amigo. Alguma coisa me dizia que aquela noite podia ser especial. Era uma sensação estranha, uma espécie de sexto sentido. Sempre fui um sujeito bastante cético quanto a essas coisas, mas não podia negar a minha intuição. Aquela noite seria uma noite diferente. Planejei pegar o bagulho, agradecer e partiria para um boteco. Mais tarde iria para o Empório, em Ipanema. O bar *rock and roll* mais famoso do Rio. Provavelmente lá aconteceria algo.

Enquanto arquitetava o meu futuro, chegamos até uma locadora.

- Que porra é essa, cara? Você vai me arrumar o bagulho ou vai alugar algum filme *gay*?
- Eu detive o Kid.

- Fica frio. O meu camarada é o dono do lugar.

Era só o que me faltava, uma locadora-boca-de-fumo. O que o locutor dos filmes da Sessão da Tarde iria falar sobre isso? “Quando essa turminha do bagulho se junta, só pode dar muita confusão e muita larica!”

Entramos.

- Fala, Kid, você por aqui! Quem é o seu namorado? – perguntou o gordo do outro lado do balcão.

- Lucas, esse aqui é o meu camarada Vic e a partir de agora devo a minha vida a esse sujeito. – explicou Kid.

Lucas me fitou e eu complementei:

- Pode acreditar, foi uma situação muito ruim. Ele ficou amarelo de medo.

Lucas deu um sorriso tão curto quanto à qualidade da minha piada e eu fingi que não me importei. Dei uma olhada para a locadora e não tinha nada de especial. Somente um monte de fitas VHS empoleiradas e dividas nos gêneros clássicos do cinema. O que chamava mais a atenção era um gigantesco cartaz do filme *Silêncio dos inocentes* com a cara assustadora do doutor Hannibal Lecter. Só de olhar para aquilo dava calafrios:

- Você é daqui de Botafogo? – ele me interrogou.

- Moro em Vila Isabel... – disse sem muito entusiasmo.

- E o que vocês fazem por aqui? –

- Queria ver se você salvava a gente com um bagulhinho. Eu e o Vic tentamos fazer uma missão, mas o morro estava lombrado... – Kid explicou.

Lucas olhou para nós, coçou a cabeça e soltou: